

DOS MIGRANTES AOS TERRITÓRIOS NO RIO DE JANEIRO: Acervos da Literatura de Cordel e seu Processo de Conservação Virtual

FROM MIGRANTS TO TERRITORIES IN RIO DE JANEIRO: Cordel Literature Collections and Its Virtual Conservation Process

Elis Regina Barbosa ANGELO¹

Resumo: A conservação cordelística nacional tornou-se ímpar nos debates acadêmicos e o acervo da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, no Rio de Janeiro, um fio condutor ao fomento de políticas na criação de medidas preservacionistas, especialmente a partir de seu registro de Patrimônio Cultural Brasileiro. Neste contexto, o projeto de digitalização do acervo da ABLC corroborou no sentido de atentar aos âmbitos (i)material definido por valores identitários, simbólicos e imagéticos na preservação da memória. Assim, este projeto de digitalização foi parte integrante das medidas preservacionistas no fomento à conservação do cordel. Por meio da pesquisa bibliográfica e exploratória experiencial traz-se o processo de digitalização, seus resultados, e a correlação do território cultural aos processos migratórios que ressoam a cultura popular nordestina.

Palavras-chave: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, digitalização, acervo, migração, nordestinos.

Abstract: The national cordel conservation has become unique in academic debates and the collection of the Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, in Rio de Janeiro, a guiding thread for promoting policies in the creation of preservationist measures, especially from its Heritage register Brazilian Cultural. In this context, the project to digitize the ABLC collection contributed to paying attention to the (im)material spheres defined by identity, symbolic and image values in the preservation of memory. Thus, this digitization project was an integral part of the preservationist measures to promote the conservation of cordel. Through bibliographical and experiential exploratory research, the digitalization process, its results, and the correlation of the cultural territory with the migratory processes that resonate with northeastern popular culture are presented.

Keywords: Brazilian Academy of Cordel Literature, digitization, collection, migration, nordestinos.

Introdução

Os territórios culturais foram criados pelos sujeitos históricos e suas caracterizações ao longo de gerações, especialmente ressignificando aspectos identitários que viajaram com eles em seus trajetos e deslocamentos, muito comuns num território

¹ Professora Associada dos cursos de Bacharelado em Turismo da UFRRJ e no Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade, PPGPACs da UFRRJ. Pós-Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestra em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Líder do Núcleo de Pesquisa em Patrimônio e Memória - NUPAM, membro do Laboratório de Estudos Etnicidade, Racismo e Discriminação - LEER/USP e colaboradora do grupo de pesquisa Imaginário, mobilidade e patrimônio da UFJF. E-mail: elis@familiaangelo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1799-3910>.

extenso como o brasileiro. Aqui se pensa no território cultural como “espaço social vivido” (Rolnik,2011).

No município do Rio de Janeiro essa ideia foi traduzida enquanto terreno fértil para o êxito de expressões como a literatura de cordel, expoente da memória dos acervos populares do cordel de todo o país, como um “lugar de memória” (Nora, 1993). Nesse lugar, tem voz e tom a Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, que acabou se tornando um dos territórios de representação cultural dos cordelistas cariocas, tanto como sede e depósito de um indescritível memorial de trabalhos cordelísticos do Brasil quanto alma de um território repleto de significações para os cordéis oriundos de todos os cantos do país, ou como definido na carta de Quebec, o “*Spiritu loci*” (ICOMOS, 2008).

Nesta declaração, de 4 de outubro de 2008, em que se reconhece o espírito do lugar em seus “[...] elementos tangíveis [...] bem como de intangíveis [...] e que todos dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito [...] (ICOMOS, 2008), se define também a ideia de que os lugares vão sendo cenários de significações de grupos, como é o caso da ABLC que engloba a literatura de cordel de todo país.

A ABLC fundada em 1988 foi se tornando uma das mais referenciadas entidades literárias, ocupando uma representação ímpar, criando imagetivamente um significado de pertencimento da literatura de cordel pela própria forma de acolhimento dada ao material pelo seu gestor e guardião, Mestre Gonçalo Ferreira da Silva, numa verdadeira forma de contemplar num lugar, o espírito de se manter vivo o cordel brasileiro, seja pelo apelo à preservação pelo pleito de registro, seja pela forma de manter vivo o cordel no município representando o todo produzido nos mais distantes recantos.

Além desse acalentado sentido afetivo, se percebe que as relações entre os cordelistas e os migrantes na formação de territórios como a ABLC reforçam cenários da cidade que carregam múltiplos sentidos, que vão desde o acolhimento de grupos e suas produções culturais até a criação e manutenção de acervos que se encontram totalmente carentes de atenção no que se refere à sua conservação. Nesse sentido, Mestre Gonçalo enquanto guardião deu um “tom” e uma forma de manter a academia durante toda a sua trajetória de vida.

Essa trajetória se entrecruza com o cenário da produção cordelística, em que a migração nordestina, a formação da Feira de São Cristóvão e a própria ABLC emergem como os maiores destaques na relação da cidade com a literatura de cordel, haja vista a

chegada, a manutenção e a distribuição dos folhetos na história dos nordestinos com a cidade do Rio de Janeiro.

A Feira de São Cristóvão acabou se tornando um lugar de comemoração e de entretenimento da cidade, mas carrega os sentidos de resistência, de aceitação e mesmo de luta dos nordestinos chegados ao campo de São Cristóvão com as migrações ao longo do século XX (Angelo; Barros, 2017).

Conforme menciona Lessa (2001), os anos de 1920 até 1960 conjugam novos comportamentos e dimensões com a urbanização da cidade do Rio de Janeiro, que acabou alimentando uma certa prosperidade, além das proposições de transformação política que alicerça os próximos anos com a transferência da capital federal.

Para Lessa (2005), a cidade organiza-se por meio de alguns cenários de migrações, como o caso no início do século XIX, com a vinda dos portugueses, que quantitativamente formando a maior parte da sociedade carioca, e, a partir de meados do século XX, o contingente de migrantes, oriundos do Nordeste do Brasil, origina outros espaços e territórios, que se multiplicam em novos pontos de concentração de pobreza. Aqui se assemelha processos políticos que culminaram em reformas e imigração em seus diversos contextos que vão mudar o perfil “da tão sonhada cidade para se viver”, esvaziando as expectativas “de comprovante das potencialidades do país” para ser um “testemunho dos desequilíbrios e distâncias socioeconômicos nacionais” e “paradigma de má qualidade da vida urbana” (Lessa, 2001, p. 14)

Conforme menciona Ulpiano Bezerra de Menezes, a historicidade do cordel passa pelo viés de não ser conveniente tratá-lo como documento histórico, mas desconstruí-lo enquanto “componente ativo do jogo social. E, para explorar sua singularidade, quanto ao tópico em questão, tomá-lo como formador de padrões do gosto popular além de excepcional produtor e difusor de imaginário em geral na nossa história” (Menezes, 2019, p.237)

Nesse jogo social, percebe-se ações de privilegiamento e exclusão, como é o caso de muitos imigrantes que foram relegados aos espaços periféricos na própria capital, além dos que se deslocaram para regiões periféricas como a Baixada Fluminense, formaram números significativos de nordestinos em novos bairros e regiões (Angelo, 2023).

Esse processo de urbanização incluiu, entre os anos de 1930 e 1970, um significativo crescimento da periferia e das favelas na cidade, sobretudo nos morros (Vainer, 2009). Nesse quesito reconhecidamente de exclusão e privilegiamento foi se delineando uma nova forma de viver na cidade, em que pesem as mais diversas situações de criação de territórios e culturas migratórias na sua vasta diversidade, seja de cunho

nacional, seja internacional. Como “sociedades multiculturais”, os grandes centros, como o Rio de Janeiro, foram se transformando em comunidades deslocadas, que se “encontravam, se organizavam em eventos e expressavam suas tradições, agora circulando entre várias outras” (Alves Santos, 2010, p. 80).

Muitos desafios foram traduzidos nas trajetórias do migrante, em suas ressignificadas relações identitárias, muitas vezes acrescida de resistências e lutas, forjando relações de si e do outro, bem como “traços socioculturais com os quais os sujeitos se identificam e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo – e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro” (Sobral, 1993, p. 19). Nessa correlação, entrelaçam-se formas de identificação que vão desenhando os territórios de saberes, como é o caso do cordel.

Tendo em vista os cenários diversos que abraçam as diversidades culturais oriundas das migrações, busca-se refletir acerca da relevante proposta de conservação virtual do acervo de literatura de cordel como identidade cultural nordestina, após o seu registro como patrimônio cultural imaterial brasileiro, tangenciando sua relevância na composição de territórios culturais múltiplos, além de patrimônios migratórios (Angelo, 2021).

Assim, essa perspectiva de investigação se assenta na análise do “território cultural do cordel”, na leitura da cidade a partir de suas relações sociais, constituindo-se a partir das trocas, identificações e mesmo (re)criações exemplificadas pela relação lugar x sujeito, imbricados nas relações de experiência, pertencimento e reinvenção. Essas ponderações vão sendo alicerçadas pela criação de um território de saberes, que se concentra em Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro (Sodré, 2002).

Como encaminhamentos teórico-metodológicos, privilegia-se a experiência a partir da formação documental da ABLC e da proposta de digitalização do acervo enquanto mecanismo de preservação, aspirando corroborar a conservação da memória e a manutenção do registro de patrimônio cultural imaterial brasileiro. A ênfase está na experiência do projeto de digitalização que nasceu da parceria da ABLC com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, na produção virtual do acervo online, promovendo novas realidades na composição da conservação da memória cordelística nacional.

Dessa forma, esse trabalho trouxe a experiência de pesquisa e extensão que possibilitou tornar digital o acervo da ABLC, especialmente tentando articular sua importância para o legado cordelístico nacional e suas implicações a partir da renovação urbana da cidade com as migrações e sua participação efetiva em ações individuais e

coletivas que garantiram à posteridade a preservação da memória da literatura de cordel local, regional e nacional, além dos reflexos da transformação da Literatura de Cordel em Patrimônio Cultural brasileiro e sua relação com a digitalização do acervo, enquanto proposta de conservação e preservação dessa memória.

Outra ressonância desse trabalho foi o reconhecimento da posição do Mestre Gonçalo Ferreira à frente da Academia, enquanto mantenedor ou guardião dessa memória e promotor da valorização do acervo por ele organizado e mantido durante grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, que, reconhecidamente pelos cordelistas do Brasil e do mundo forma um acervo afetivo-cultural.

Assim, este artigo está dividido em duas partes. A primeira parte contextualiza a formação desse território cultural e suas relações com os processos migratórios; e a segunda parte versa sobre a experiência da digitalização do acervo da ABLC, que desenhou por meio de um projeto de extensão, a forma de devolver a sociedade um pouco do cordel brasileiro em verso e prosa.

As migrações, a criação da ABLC e o contexto do Território Cultural

Diante das migrações nordestinas no Rio de Janeiro, intrinsecamente ligadas ao processo identitário dos sujeitos históricos da cidade, corrobora-se com a constituição e transformação das experiências nos diversos territórios culturais. Para Tizon (1995), o sentido antropológico de território abarca trajetórias sociais relevantes à formação dos usos e do próprio cotidiano, no qual o ambiente vivido conforma a ação e o pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidades que vão se formando à medida que os atores interagem no ambiente. Assim, nos discursos dos migrantes e dos próprios cordelistas, percebe-se um reconhecimento de traços culturais que se caracterizam a partir dos lugares de produção de sentidos, seja da Feira de São Cristóvão, seja da ABLC (Angelo; Barros, 2017).

Os espaços transformados em territórios imaginados, como a própria feira, a academia do cordel e outros lugares construídos ou constituídos como expressões da cultura nordestina, compõem a vida cotidiana dos sujeitos sociais que o transformam em espaço vivido e experienciado, cujas características vão além das identidades, pois, conferem a este um papel actancial, cujo valor atribuído depende das aceitações e subjetividades que atentam para uma caracterização muitas vezes forjada, privilegiando aspectos que fornecem dados de uma leitura sobre o lugar (Angelo; Barros, 2017, p. 6).

Os sentidos atuantes dos sujeitos históricos acabam conferindo ao território os traços, formas e critérios de elaboração definindo características pelas quais as sociedades se assemelham ou se diferenciam, especialmente pelos próprios grupos que as formatam, pois, assim, o sujeito da ação consegue conceber as feições do que representa a sua história, suas memórias e os sentidos do seu passado, no caso dos (e/i) migrantes. Essa compreensão da vida cotidiana nos territórios culturais nordestinos da cidade parte da base de referências acerca do processo de chegada, instalação e ressignificação para os sujeitos que vivem na cidade.

Mudanças ímpares veiculam novos olhares sobre a urbanização ocorrida nas décadas de 1930 a 1970, em que a região Sudeste tornou-se um lugar ímpar de atração dos movimentos de deslocamento, incentivados pela industrialização (tendo como base São Paulo) e pela busca de melhores oportunidades (como no Rio de Janeiro), alinhando-se aos movimentos de repulsão do Nordeste, com as secas e seus deslocamentos, formando cenários quantitativos de saídas em contingentes expressivos, conforme aponta Valim (1996) acerca desse movimento, apesar do atual debate sobre esse processo ser dinâmico e não dicotômico.

Numericamente se tem um processo migratório condizente com as transformações ocorridas na cidade de atração, pois, do montante de 43 milhões de pessoas que saíram do Nordeste entre 1960 e 1980, significativa parcela passava a compor a população do Rio de Janeiro na reconfiguração do espaço urbano (Brito, 2006).

No âmbito formativo dessas identidades se percebe enfoques mais críticos na formação desses espaços, múltiplos e plurais, que vão sendo esmerados por sentidos e sentimentos que, de certa forma, coadunam com discursos produzidos na esfera mercantil da cultura, e os contradizem em outros momentos, pela vivência, experiência e pelas representações do grupo, e esses grupos, na maioria das vezes, formam-se a partir do próprio processo de territorialização que vai moldando estilos e facetas. Aqui se alinham também as experiências e sentidos, atrelando à ideia de “lugar do nordestino” na cidade, num movimento delicado de apreensão.

As referências e expressões comuns aos seus anseios, muitas vezes escamoteadas por discursos regionalistas, acopla sentidos e vivências, além das similaridades de gostos, apreendidos geracionalmente. De certo modo, adaptam-se à realidade local, fugindo desse jargão colocado como “seu” e do qual fazem parte inúmeros sentidos dados como identitários.

Os grupos formados com a perspectiva de identificação, seja pelo bairros ou periferias, vão produzindo e consumindo produtos e produtores de músicas e sonoridades

relacionadas às tradições do seu Estado, ao lugar de produção de seus gostos, combinados a uma série de atributos, em consonância com o que Ennes e Marcon (2014) salientam, como articulações de grupos; formas de integração do pertencimento; os elementos morais; e outro de elementos que forjam as relações pautadas em similaridades de gostos e ações.

Esses espaços e territórios passam a ser espaços de sociabilidade, de luta e de identificação, e, com essa premissa, colocam-se as questões de identidade e de formação do gosto, atentando para detalhes que farão a construção dos territórios culturais de expressão simbólico territorial, como a ABLC.

Tanto a formação da Feira de São Cristóvão como a formação da ABLC se interligam em ações que captaram de forma simbólica as expressões nordestinas. Sobre a feira, enquanto um território de memórias, de comida, de cores, sabores e histórias, sobressai-se o cordel enquanto forma de interação, já a ABLC, configura-se enquanto forma de manutenção dessa arte popular e simbólica que contempla a história e a preservação da literatura popular (Nemer, 2012).

O cordel da feira de São Cristóvão acaba sendo uma forma de contar a saga da migração, das histórias e das memórias do povo e a sua mudança para o Rio de Janeiro, com um espírito local desde as primeiras integrações percebidas nas paragens dos “paus de arara” que traziam do Nordeste carregamentos de homens e alimentos, muitas vezes traduzido na arte do cordel.

Da feira à ABLC se percebe uma conjuntura de sentidos pelos traços e marcas das migrações na cidade. Com essa expressão, os poetas que se instalaram na cidade acabam formando a memória do cordel e um espírito atrelado a lugares, como a Feira de São Cristóvão, alinhando-se como simbólico, territorial e mesmo imagético (Angelo; Barros, 2017).

Antes mesmo de sua criação, a Feira de São Cristóvão assume esse território de saber literato capaz de aglomerar a formação de uma linha intelectual que faria escola, em especial como um território cultural.

Espaço privilegiado para a venda de folhetos, apresentação de cantadores e duelos de repentistas, o “Cantinho da poesia” era uma espécie de microcosmo da cultura nordestina praticada na Feira de São Cristóvão que, por sua vez, atuava como um ponto no mapa da cidade do Rio de Janeiro reservado à música, à literatura, aos produtos da culinária e do artesanato do Nordeste, reservado, enfim, à preservação da identidade e da memória dos migrantes nordestinos no novo destino (Nemer, 2012, p. 61).

Historicamente o cordel assume um viés de embate, como menciona Sylvia Nemer (2012, p. 61), “a memória das lutas que o cordel e os cordelistas tentam preservar, o poder público busca, sistematicamente, apagar [...]”. As memórias tematizadas nos folhetos dos cordéis contam a saga das lutas pelo espaço, pelo lugar e pelo território compreendido no atual pavilhão, desde a chegada dos primeiros migrantes até a reconhecida literatura de resistência, invocada em “depoimentos e representada nos acervos dos cordelistas que como homens-memória reproduzem no presente as lutas do passado, fazendo com que estas permaneçam vivas a despeito dos mecanismos de silenciamento que foram e continuam sendo impostos” (Nemer, 2012, p. 295).

Na esteira do discurso de representação do território cultural do cordel está sua produção enquanto artefato cultural, pois constrói-se como uma ferramenta de transmissão cultural. Na concepção de Diegues Junior (2012), as narrativas tradicionais, os romances de tradição histórica ou novelística, transferidos da prosa para a poesia, muitas vezes por pessoas iletradas, formaram essa concepção de artefato cultural nordestino, dessa forma, muitos ouvem e transmitem sem nem mesmo serem alfabetizados.

Desde sua inserção no Nordeste, os folhetos foram veículos de informação antes da atuação dos conhecidos meios de comunicação de massa, pois, atuava como meio de comunicação de espaços menos privilegiados com a urbanização, como meios rurais e periféricos aonde não chegava outra forma de comunicação, como o sertão. Essa proposta foi sendo dinamizada ao longo dos anos e veio se reinventar no Rio de Janeiro junto aos famosos “paus de arara”, formando redes e grupos a partir da arte popular de citar versos e de fazer folhetos.

Trajetos e deslocamentos foram carregando o cordel para o Sudeste, e em São Cristóvão, mesmo antes da criação do pavilhão, foi se redesenhando na ressignificação dos temas e apelos da “cidade maravilhosa”, agora no universo popular do migrante. “Ganhando visibilidade, a cultura popular nordestina se diferenciava da cultura burguesa hegemônica no Rio de Janeiro. Ficava visível o distanciamento cultural entre a realidade carioca e as tradições do povo nordestino migrante.” (Borja; Destri, 2017, p. 41)

Segundo Nemer (2016), os migrantes acabaram sendo excluídos dos espaços frequentados pela elite e, de certo modo, a partir da sua condição social, expurgados para as áreas periféricas e desvalorizadas. São Cristóvão foi um desses lugares que acabaram sendo reorganizados pelo encontro dos nordestinos.

No Rio de Janeiro, a ABLC, sem dúvida, criou-se enquanto território do cordel, transformando-se numa das maiores expressões documentais de acervos do cordel do país

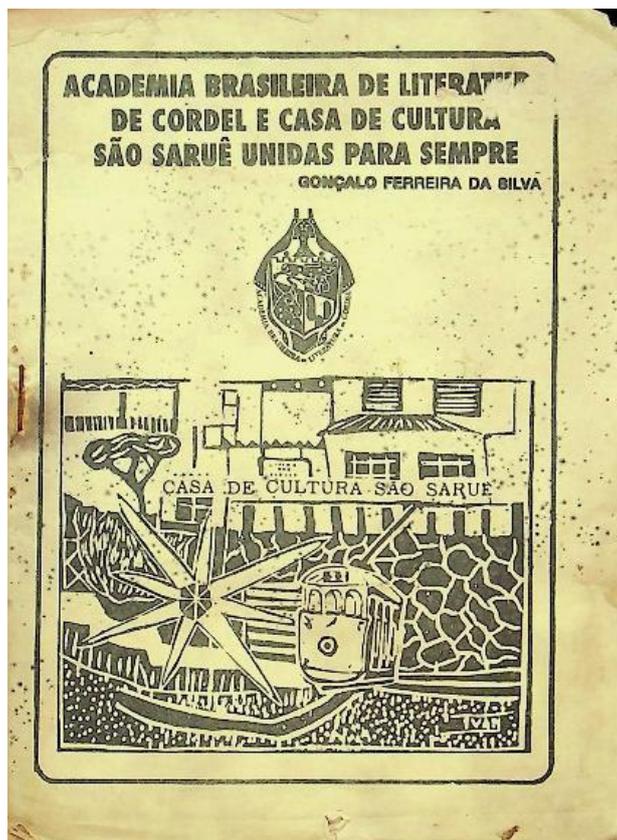
e da América Latina (Angelo; Barros, 2017). A construção de referências culturais reforça o território cultural nordestino, ao ser palco e cenário dessa relevante memória cordelística, abrangendo poetas de todo país, além de condensar nesse território cultural as identidades da cultura nordestina pela expressão poética de um coletivo, que se tornou nacional, na medida em que foi multiplicando seus valores e usos a toda a extensão territorial onde houve processos migratórios quantitativos.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ilustrada no folheto de cordel “Academia Brasileira de Literatura de Cordel e Casa São Saruê unidas para sempre” (Figura 1), fundada no dia 7 de setembro de 1988 a partir da união de esforços de cordelistas como Gonçalo Ferreira da Silva (presidente), Apolônio Alves dos Santos (vice-presidente) e Hélio Dutra (diretor cultural), tornou-se um dos símbolos do cordel na cidade e mesmo no país. Ao longo dos anos ampliou-se e disseminou-se como um acervo significativo de cordéis, contando na atualidade com o corpo de 40 cadeiras de membros efetivos (Angelo, 2023).

Essa formação intelectual de membros vai ressignificando aspectos ligados à sua manutenção temporal e mesmo garantindo o seu “*Espiritu loci*”.

Esta saga dos cordelistas se mistura à saga por um lugar a ser o território do cordel, traduzindo necessidades de moradia, de reconhecimento e de trabalho capazes de relacionar sujeitos, suas histórias e mesmo suas lutas pelo lugar. A formação da feira foi, sem dúvida, uma forma de vencer barreiras instaladas desde princípios hegemônicos de poder até a referência de trazer para a cidade um local que pudesse impor aspectos da cultura migrante, da cultura do deslocamento e das misérias e tragédias da vida cotidiana de inúmeros sujeitos da seca, das misérias, bem como de sua perspectiva mais contundente no âmbito da valorização popular, como a própria literatura de cordel e dos saberes assumidos como regionais ou relegados a regionalismos.

Figura 1 - Academia Brasileira de Literatura de Cordel e Casa São Saruê



Fonte: Mestre Gonçalo Ferreira da Silva, s/d. Folheto de Cordel. 15cm x 21cm.

A criação da ABLC foi uma das ações mais contundentes na manutenção do cordel enquanto um patrimônio da sociedade, pois, além de criar formas de manutenção, também assume a responsabilidade de preservar a memória cordelística nacional por meio de seus acervos. Mestre Gonçalo Ferreira, como é conhecido, acabou sendo o elo entre os anseios de criar o território do cordel no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo manter uma academia representativa do gênero popular. Manter a academia como uma extensão de sua própria casa, convivendo e cuidando do acervo acabou sendo um modelo e exemplo de guardião da memória do cordel das migrações e do território cultural nordestino no Rio Janeiro, que, dinamicamente, também foi ganhando adeptos e pesquisadores de forma contínua.

Essa imagem refletida na capa do cordel sobre a ABLC (Figura 1) cristaliza a dinamicidade do bairro de Santa Tereza através dos atrativos locais, corroborando a relevância da literatura popular do bairro –no imaginário popular do lugar mágico, encantado. Do bonde ao livreto e à sua própria casa, onde está alocada a Academia e onde se formou um verdadeiro espírito da cultura cordelística nacional. Nesta mesma Figura 1, o Centro de Cultura São Saruê recebe este nome como um espaço escolhido como território cultural no encantamento popular, seguindo a ideia do imaginário do cordel de 1978 escrito por Manuela Camilo dos Santos em *A Viagem a São Saruê*.

Desse imaginário vem a lógica de se criar um espaço destinado exclusivamente para a preservação da literatura de cordel do Rio de Janeiro, que despontava como uma cidade diversa, que conseguiu ser protagonista de novos desafios como este de conservação do cordel brasileiro. Assim, enquanto guardião da memória, mestre Gonçalo cria e mantém de forma exímia a Academia, que, na medida do possível, foi constituindo um território cultural relevante para a cultura popular nacional, foi idealizador da criação de uma memória virtual, visionário do *modus operandi* que levou a sua digitalização, sua conservação, e sua parte emotivo-estrutural da história nacional desse gênero popular, exatamente por meio da criação desse reconhecido um “cantinho” da poesia cordelística carioca e nordestina.

Como menciona Nemer (2016, p. 18):

Do seu modo e do seu canto – do seu “Cantinho da poesia” – cada um deles tenta recriar o passado, representado pela migração, pela Feira de São Cristóvão e, acima de tudo, pelo cordel que lhes permite reelaborar as experiências vividas transformando-as em histórias e reinventar a saudade, transformando-a em memória.

Mestre Gonçalo apenas expressou em toda a sua trajetória de vida o sentimento de preservação da memória do cordel no país. Seguindo na esteira da concepção de *modus operandi* trazida por Pierre Bourdieu (2009) desse processo é que deixou marcas profundas em quem participou, participa e continuará participando dessa incumbência de conservar a literatura no tempo e no espaço e, de certo modo, alimentando a manutenção do registro de Patrimônio Imaterial Brasileiro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Ressaltar a trajetória de Mestre Gonçalo nesse desvelar da literatura de cordel no Rio de Janeiro e no Brasil estão intrinsecamente ligados, pois, por suas mãos e por sua conduta foi guardado esse patrimônio afetiva e materialmente.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel- ABLC, a representação do cordel e o modus operandi do projeto de digitalização do acervo

A ABLC, segundo Mestre Gonçalo, inaugurada em 1988, na cidade do Rio de Janeiro, em Santa Teresa, teve a união de esforços de protagonismos distintos, como ele mesmo, Gonçalo Ferreira da Silva, Apolônio Alves dos Santos, Hélio Dutra e Umberto Peregrino, que esteve na direção da biblioteca do exército e foi fundador da Casa de Cultura de São Saruê. Enfrentando inúmeros percalços, Mestre Gonçalo, como é conhecido, manteve até 2022, momento de seu falecimento, a Academia em total

funcionamento, desde a sua fundação, com muito esforço e dedicação, passando até pelo pedido de registro do cordel enquanto patrimônio imaterial.

No ano de 2010, a ABLC apresentou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN um requerimento pedindo o referido registro, com assinatura de 85 poetas, abrindo com isso o “processo de registro da literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil”. Sendo ela uma das entidades que reúnem poetas da literatura de cordel de todo o país, com suas 40 cadeiras de membros efetivos, entre poetas, xilógrafos e pesquisadores, acabou sendo assim fortalecida pelo coletivo, além da união de muitas formas de cooperação e apoio de entidades de todo tipo, o que, no entanto, infelizmente, não foi capaz de garantir a sua manutenção efetiva.

Coroando sua manutenção frente a todas as dificuldades e adversidades, a literatura de cordel ganhou, em 2018, o título de Patrimônio Cultural Brasileiro. Esse gênero literário, além de ser ofício de inúmeros cidadãos brasileiros, foi reconhecido pelo Conselho Consultivo como Patrimônio Cultural Brasileiro em 19 de setembro de 2018. Tal conquista, por meio de seu registro, representa para a literatura de cordel uma forma de preservar o gênero, assente nesse instrumento legal de preservação, de reconhecimento e valorização para a sociedade brasileira.

As cadeiras ocupadas na ABLC simbolizam a importância dos membros e seus lugares-símbolo que nomeiam representações, muitas vezes, de regiões do país, tendo sua imediata substituição no caso de morte do titular. Os membros vão sendo regidos pelo estatuto com a finalidade de promover o intercâmbio cultural, social, artístico, literário e cívico, dentro e fora do Brasil, sem discriminação religiosa, social, político e econômica, além de manter a ABLC e suas demandas. Uma delas foi definida, sem dúvida como a mais urgente, de preservar os acervos em meio à falta de recursos econômicos para a conservação dos folhetos físicos, de forma digital.

A situação de precariedade em que se encontravam esses cordéis foi o maior desafio para a constituição de projetos em defesa dessa memória, e um deles acabou culminando no registro de patrimônio cultural brasileiro. No que tange às prioridades, após o registro, o processo de digitalização do acervo foi o mais urgente para a academia. Também por meio do registro, um dos propósitos do Mestre Gonçalo era proteger a ABLC por seu valor histórico, afetivo e cultural para a cidade, tendo como premissa a tentativa de garantir que os acervos não fossem nos próximos anos descaracterizados ou destruídos.

O projeto, que foi de fato um dos pleitos mais relevantes na preservação dessa memória, foi um encontro profícuo entre a pesquisa e a iniciativa política, a partir da

cooperação entre universidade e Ministério da Cultura. O objetivo dessa parceria era a digitalização do acervo da ABLC, trabalhando na formalização dessa transformação do físico em digital, como preocupação específica da academia. E, assim, o acervo disponibilizado pela ABLC foi digitalizado ao longo dos anos 2018-2021 e transformado em imagens e arquivos virtuais.

Em miúdos, a ideia estabelecida pelo Mestre Gonçalo era recuperar o acervo, cuidar dos papéis e formar uma memória digital. Com inúmeros movimentos de compreensão sobre o acervo e seu conteúdo, foram elaboradas visitas técnicas de cunho investigativo, a fim de reconhecimento das atividades e metodologia de trabalho para esse objetivo de transformação do acervo físico em digital.

Após visitas e debates ao longo de dois anos, entre 2017 e 2018, foi elaborada uma minuta da parceria, que considerava aspectos relevantes para sua efetivação, incluindo pontos pouco mencionados na legislação da Academia, enquanto forma de manter a estrutura e as atividades do local. A partir da leitura do espaço enquanto legitimado não apenas pela sua materialidade, mas como forma de compreensão dessa imaterialidade, que abraça o saber-fazer enquanto “espírito do lugar”. Foi então sendo pensada uma proposta versada em práticas de formação de acervos virtuais desse território de saberes.

O projeto de Digitalização do acervo de Cordéis da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) nasceu da necessidade de preservar a memória e a história da literatura de cordel no Brasil presente nos arquivos da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de cordel, localizada no bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro. Diante da demanda colocada pela academia, de construir um acervo digital para seu acervo, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por meio do Projeto de Extensão: Identidades e expressões populares no Rio de Janeiro e em São Paulo: territórios da literatura de cordel, aprovado em 2017/2018, sob a coordenação de Elis Regina Barbosa Angelo/ DAT/ Turismo- IM- UFRRJ – Professora da UFRRJ (Angelo, 2018, p.04).

A proposição claramente constitui-se numa demanda importante para a manutenção da memória cordelística da ABLC, haja vista o formato de preservação dificultado pela ausência de apoios financeiros e mesmo de articulações que tornem possível o seu uso. Do objeto dessa parceria e dos objetivos, tem-se:

Essa proposta da ABLC, em seu estatuto não ressalta a necessidade de comprometimento com a memória do lugar, conforme aponta a Carta de Quebec, aprovada no 16º ICOMOS, que trata da preservação do “espírito do lugar”, ou seja, os valores agregados em termo identitários, simbólicos, perceptivos e imagéticos, como é o caso do comprometimento com a memória física e intangível, no caso do pleito pela digitalização dos documentos, garantindo sua efetiva continuidade,

frente a deterioração física do acervo. Assim, percebe-se a necessidade de manter viva essa memória, haja vista que a literatura de Cordel representa o popular, o rural, o diálogo e a informação compartilhada pelo cordão, pela ligação em meios específicos. Autores como Peregrino (1984) e Maxado (1980) entendem que a troca de temas, teses e informações pelo cordel eram de fácil apreensão pelo povo. Vendidos em bancas simples, casas, praças ou nas feiras, além de enfeitarem o lugar, os folhetos distribuídos em cordéis, pendurados pelos pregadores em cordões a venda, criavam um ambiente colorido e dinâmico. O resgate da arte cordelista faz-se necessário para melhor apreendermos as ressignificações que ainda se fazem em torno de elementos da cultura e da herança nordestina e que revitalizam a própria identidade do Nordeste brasileiro e, a partir daí, esse projeto tem o intuito de preservação da memória, por meio da 01/11/2018 SEI - Documento para Assinatura da digitalização do acervo da ABLC. Nesse contexto, ao contribuir na representação do cordel enquanto patrimônio imaterial do Brasil, e, visualizado na natureza e na cultura de um povo, por meio de suas manifestações culturais, seus costumes e práticas cotidianas, percebidos especialmente na língua, na música e alimentação, na religiosidade e outros momentos relevantes postulados pelos criadores e mantenedores, tem a perspectiva subjetivada no papel da memória e da tradição numa forma de construção de identidades e também de sua legitimação. Dessa relação tanto as construções materiais que envolvem objetos e monumentos quanto a identificação e organização dos aspectos imateriais, fornecerão os dados cabíveis para a leitura desses territórios. No decorrer das pesquisas verificou-se que há a necessidade de aprofundar os estudos dos conteúdos dos cordéis ao passar dos anos para acompanhar as possíveis mudanças, evolução das composições e demais ações que possivelmente tenham expressado novos sentidos na literatura de cordel. Desta forma poderíamos verificar se houve uma mudança e como esta mudança foi influenciada pelos novos territórios e contextos históricos da produção de cordéis. Percebeu-se no andamento da investigação, e, devido a ausência da preservação do material histórico-cultural dos arquivos da ABLC, sem nenhum método de conservação, impossibilitando a realização de pesquisas e aprofundamento nos estudos pelos pesquisadores ou mesmo na leitura de obras raras, por segmentos diversos interessados na literatura de cordel, especialmente devido à própria natureza perecível do material que compõe o cordel. Dessa forma a digitalização do acervo da ABLC se torna imprescindível na composição das demandas por pesquisas e preservação do acervo, tanto por criar medidas de conservação dos conteúdos histórico-culturais, quanto para o acesso ao material sem danificá-lo, criando formas possíveis e virtuais à pesquisa por públicos diversificados com interesse nessa temática, possível ainda para o mundo todo virtualmente. Assim, pode-se dizer que a digitalização do acervo da ABLC se torna imprescindível na busca pelo reconhecimento da história e da memória do Cordel no país e no mundo. Como metodologia, busca-se: 1. A recolha do material em lotes de 3000 exemplares; 2. Digitalização e banco de dados concomitantemente, além da imediata criação virtual; 3. Devolução e recolha; (3000 exemplares por vez) 4. Finalização em 10 meses de trabalho (Angelo, 2018, p. 12).

O projeto deu voz e forma a uma das mais relevantes demandas da ABLC, tornar virtual o acervo de cordéis, pois, dessa forma, manteria o material todo definido em papel,

ainda tangível para a pesquisa e mesmo para a manutenção dessa memória viva. Outras questões dizem respeito ao princípio da digitalização desse acervo, assim:

Para a digitalização do acervo da ABLC enquanto território que preserva e difunde a memória do cordel é necessário compreender que a cultura popular estabelece relações estreitas não só com a História como também com a memória de sujeitos, grupos e regiões, como a própria relação com as migrações e os deslocamentos efetivos que trouxeram para o Rio de Janeiro, a ampliação da cultura nordestina por meio da literatura. Dessa forma, o intuito da digitalização agrega elementos relevantes na sua composição, e a fim de preservar e conservar essa memória tem também a pretensão de: Ampliar o conhecimento e estimular a leitura da literatura de Cordel; Destacar e ampliar o conhecimento das expressões artísticas nacionais brasileiras sobre literatura de cordel e seu reconhecimento como patrimônio histórico da humanidade; Reconhecer e valorizar diversas expressões e grupos da Cultura Popular Brasileira; Valorizar e estimular o conhecimento sobre a produção da literatura de cordel; Identificar, reconhecer e valorizar os trabalhos realizados por diversos Artistas; Preservar o acervo da ABLC em meio digital para evitar a degradação e eventual perda dos conteúdos presentes evitando deste modo o manuseio do material que podem degradar e danificar o material pois devido à natureza diversa do tipo de papéis e tintas utilizados na impressão dos cordéis no decorrer do tempo possuem uma durabilidade muito baixa fora do ambiente adequado de preservação; Proporcionar a disponibilização deste material, - atualmente restrito, - apenas fisicamente e com ressalvas pelo uso e deterioração do acervo, considerando a falta de condições, aos diversos segmentos da pesquisa, por qualquer pesquisador, agente cultural ou mesmo ao público interessado no material histórico cultural brasileiro existente na Academia (Angelo, 2018, p. 08).

De todo o processo que inclui a materialização da proposta, pode-se dizer que o projeto teve muitos desafios, entre os quais o deslocamento dos folhetos em lotes, o manuseio dos folhetos para a digitalização em scanner óptico (sem contato mecânico com o folheto) e a criação de um banco de dados para cadastramento do material digitalizado, proporcionando sua consulta, além da manutenção de cópias de segurança da digitalização em servidor na internet.

Um dos desafios mais contundentes foi, sem dúvida, a pandemia, que acabou postergando muito o trabalho de deslocamento do acervo para os procedimentos de digitalização. Ante as inúmeras dificuldades, o processo acabou sendo moroso e cheio de intercorrências, mas a missão de executar essa digitalização foi conquistada, superando eventos bastante difíceis (Angelo, 2023).

Muitos cordéis do acervo se encontram num estado crítico, tiveram então de ser manejados e digitalizados de modo bastante cuidadoso e moroso. Outra questão dificultosa foi a separação dos livretos, pois, cada vez que se colocava um livreto para digitalizar, uma possível duplicidade no banco de dados deveria ser verificada, bem como

o seu estado físico para leitura e algum tipo de alteração na edição, ou mesmo sua reedição ou outros formatos que pudessem duplicar o título. Percebeu-se durante o processo de captação e digitalização que, muito do trabalho foi duplicado, triplicado e mesmo multiplicado por essa situação, pois, a cada novo cordel, o procedimento incluía revisar no banco de dados a condição e a edição do folheto, comparando com a versão e a qualidade da digitalização já realizada. Assim, muitos foram revistos durante o processo, ocorrendo assim retrabalho em milhares de páginas. Outros, mesmo tendo conteúdo textual idêntico, também deveriam ser digitalizados por conta de outra versão xilográfica associada ao material.

Logisticamente, foram sendo organizados por meio dos procedimentos, tendo desde a montagem do espaço de trabalho, - a fim de organizar cordéis e digitalizá-los – até a construção da verificação no banco de dado, com o escaneamento por meio de equipamento específico por conta da fragilidade dos folhetos, trazendo um manejo mínimo deste *corpus*, seguido de uma forma de organização minuciosa do material.

Diante desta logística estão as ações de organização deste material, as ações operativas do processo logístico de recepção do material e formas de digitalização, além do desafio físico de selecionar, separar, encaixotar e a partir daí executar a captação e operação em si.

Figura 2 - Scanner óptico



Fonte: Foto pessoal do procedimento de digitalização, 2020.

Esse menor contato com o livreto teve o intuito de conservar as mesmas condições em que foi encontrado ou mesmo ter o mínimo de contato físico, para sua maior durabilidade. Muitos deles não possuem cópia, dessa forma, foi necessário cuidado extremo com o folhear e mesmo com a manipulação.

Após a digitalização, um software desenvolvido especificamente para o projeto reuniu as imagens e gerou um arquivo em formato “pdf” e um arquivo compactado em formato “zip” contendo todas as imagens e o “pdf” gerado, sendo acrescentadas ao final da página as logomarcas das entidades participantes do projeto, ou seja, a própria ABLC, o Ministério da Cultura, atual Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, e a Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - FAPUR.

Como dificuldades mais contundentes do processo, cabe citar algumas questões burocráticas que impediram seu término em 2019, conforme previsto inicialmente, e, após esse período, a pandemia também dificultou significativamente o processo da digitalização, culminando na finalização em dezembro de 2021.

A proposta foi efetivada e o registro virtual, feito para a academia e, posteriormente, com autorização de cada protagonista, poderá ser disponibilizado ao público, pois o principal intuito não foi a disponibilização ao público, mas a garantia da manutenção do acervo da ABLC, tanto em formato físico quanto virtual. Isso garante à Academia que a proposta de preservação da memória e da história da literatura de cordel no Brasil, presente nos arquivos da ABLC - Academia Brasileira de Literatura de cordel, perdure no tempo.

Essa representação, enquanto território cultural de saberes, organiza-se como preservação de memória cordelística e como referência do patrimônio imaterial brasileiro, por meio do título conquistado em 2018 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e mesmo por sua relevância em territórios de saberes migratórios, já que, de certo modo, acabou identificando os nordestinos a partir de São Cristóvão.

Ao conquistar esse registro, a literatura de cordel passou a representar a memória cordelística nacional, e a ABLC passou a ser um território de concentração de títulos e temáticas da história do cordel no país. As questões simbólicas e culturais, como elementos constituintes de territorialidades, vão reforçando as vivências no bairro, na Academia e suas dinâmicas, que contêm os diálogos e a própria história como aglomeradores de pessoas, intenções e representações. Para Haesbaert (2005, p. 2),

[...] enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, assim, a dimensão da cultura na constituição dos

territórios, contempla a lógica “cultural-simbólica”, além da funcionalidade e da representação enquanto parte integrante das identidades ali abraçadas.

Para Hall, na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, a identidade se forma enquanto dimensão humana, composta pelas qualidades, crenças, hábitos e valores de indivíduos e membros de grupos e coletividades. A formação e manutenção da ABLC corrobora esse sentido de criar o território e manter com apoio dos sujeitos históricos que produzem, alimentam e referenciam as identidades por meio do cordel (Hall, 2003).

Ao manter o acervo como um compromisso social e cultural, a presidência da ABLC, na figura de Gonçalo Ferreira, não apenas preservou seus valores, mas recriou, a todo momento, a sua relevância na formação de sentidos sobre a cultura popular, sobre a memória cordelística do Brasil, além de evidenciar sua responsabilidade na manutenção identitária e territorialíssima visualizada na edificação do bairro de Santa Teresa onde se localiza a ABLC. A priori, quem conheceu ou conhece o Mestre e a Academia tem no imaginário sua figura cênica refletida em seu apego à ABLC, sempre trabalhando em sua guarda e manutenção, sempre atento aos visitantes, pesquisadores e amigos e, principalmente, sempre presente na sua composição, existência e longevidade.

A referência tão atual de garantir o direito à memória se deve também ao esforço do Mestre Gonçalo, durante esses anos de dificuldades pandêmicas, a manter-se firme no propósito de alicerçar a base das etapas do projeto. Gonçalo perdeu totalmente a visão e, mesmo com toda a debilidade física, manteve-se praticamente sozinho à frente dessa tarefa árdua de separação dos folhetos no processo de digitalização. Conhecedor de cada milímetro da Academia, Gonçalo reunia os lotes de cordéis a serem digitalizados, entregava-os em caixas/lotes e mantinha sua crença na vida e na defesa da memória do cordel.

Esse processo foi extremamente importante na criação da versão digital, pois seus esforços foram de suma relevância na denominação desse “espírito do lugar”, sendo a Academia o próprio Mestre Gonçalo Ferreira, guardião do cordel. Aqui se percebe que: “O espírito do lugar é construído por vários atores sociais, seus arquitetos e gestores, bem como seus usuários que contribuem ativamente e em conjunto para dar-lhe um sentido” (Icomos, 2008, p. 2).

Esse novo acervo, agora virtual, permite a continuidade dos saberes, por meio da concentração do que a Carta de Quebec prenuncia enquanto “espírito/alma do lugar”. A ABLC mantém a alma do guardião da memória do cordel do Rio de Janeiro e do Brasil para o mundo.

Apesar do falecimento do Mestre Gonçalo em 2022, considerado coração emocional e físico da ABLC, seus esforços e dedicação foram eternizados na memória e no espírito do lugar mantido pelos membros escolhidos com tanto esmero e cuidado por essa relação afetiva do território cultural do cordel em Santa Teresa no Rio de Janeiro.

Algumas considerações

As migrações têm deixado legados importantes na composição das manifestações culturais do país. Delas fazem parte os museus, as paisagens culturais, as festas e as expressões linguísticas, além de uma variedade de elementos relacionados à materialidade e intangibilidade da cultura. Sua concepção, sentidos e formatos vão desenhando dimensões e especificidades, como é o caso da literatura de cordel.

Sua análise pressupõe a abordagem de um conjunto diversificado de elementos, entre os quais: as relações entre história e memória, os processos de musealização de ambientes identificados com a migração e os discursos expositivos que representam a variedade e a dinâmica das formas de deslocamentos populacionais. Acrescente ao processo as diversas camadas que compõem as especificidades e a construção de lugares de memória que vão formar os territórios culturais.

Os migrantes carregam um amplo espectro de manifestações de sua cultura oral, material e simbólica, que, ao longo dos anos, vai sendo incorporada ao espaço urbano e mesclando-se às construções anteriores por meio da transformação local. Desse processo, alguns elementos da cidade podem ser expressos como únicos e singulares nessa correlação. Assim, territórios culturais como a Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC, formada a partir dessa construção entre sujeitos, memórias e manifestações migratórias, redesenham e dimensionam novas formas de ligação e afetividade com os lugares, que passam a ser “redutos” desses grupos.

Ligada à formação dos espaços está a comercialização, na qual a produção do consumo passa a ser formada pelo patrimônio em processo. A academia de cordel favorece essa interpretação, pois seus signos e manifestações em formato de objetos de consumo vão pleiteando novas formas de existir e significar o grupo na cidade, seja pela sua história, seja pelo entrosamento dos sujeitos que formam a Academia e os visitantes, moradores de Santa Teresa ou mesmo os turistas do Rio de Janeiro.

A partir da patrimonialização do cordel enquanto patrimônio cultural nacional, vão sendo demonstradas as variadas formas de manutenção temporal desse gênero literário popular, como diversidades temáticas, apelos e mesmo resistências, a exemplo

da necessidade de preservação, que ora encontra terreno fértil na própria Academia – pois patrimonializar não resolve a problemática de manutenção temporal dos folhetos, tampouco sua forma de acondicionamento e os processos de conservação dos objetos.

Como proposta de preservação, a parceria estimulou outras necessidades que interferem diretamente no processo de conservação desse acervo. A digitalização foi apenas um primeiro passo para vencer um processo que é complexo e requer inúmeras ações e políticas de conservação, entre as quais a reorganização do espaço, a adequação do ambiente, a organização dos acervos e sua catalogação e sistematização, além da manutenção dessa conservação ao longo dos próximos anos.

Enquanto território cultural, a ABLC fornece subsídios físicos e agora, com a digitalização, também virtuais de pesquisa e preservação, pois corrobora incentivos e políticas públicas de conservação por meio de pleitos que vem encenando na sua história de parcerias, mantendo aspectos importantes de gestão e continuidades geracionais, com as cadeiras representativas da academia.

Esse território, carregado de sentidos e ressignificações, além de ser parte da história das migrações, forma a diversidade de elos e identidades e referencia suas práticas entre o material e o imaterial, corroborando a relação direta com os espaços sociais vividos e transformados pelas mãos dos cordelistas brasileiros.

Não existe o patrimônio sem a intervenção, não existe o registro sem a manutenção dos acervos e não existe cordel sem a dinâmica social engendrada por sujeitos históricos defensores da memória, da afetividade e do espírito do lugar do cordel carioca.

Referências

ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Cadeiras. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/a-ablc/cadeiras/>>. Acesso em 12/01/2019.

ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Site. Santa Teresa, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/>>. Acesso em: 12/02/2018.

ALVES SANTOS, Luciany Aparecida. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 35, p. 77-91, 2010.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. Impressões da São Paulo nordestina: entre territórios e identidades no imaginário coletivo. *Revista del CESLA, International Latin American Studies Review*, n. 27, p. 3-20, 2021.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Projeto de Digitalização do acervo ABLC*. Projeto de Extensão, parceria com Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2018. Disponível em: <<http://www.projetaryum.com>>. Acesso contínuo.

ANGELO, Elis Regina Barbosa; BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Territórios culturais no Rio de Janeiro: a Feira de São Cristóvão*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. Territórios Culturais da Literatura de Cordel: cultura, representação e identidades no Rio de Janeiro. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. ROSSI, Mirian Silva. (Orgs.) *Deslocamentos Humanos: narrativas e representações Brasil, século XX e XXI*. São Paulo: LEER/USP, FAPESP, Intermeios, 2023.

AZEVEDO, André Nunes de. A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, p. 35-63, mai./ago. 2003.

AZEVEDO, André Nunes de. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora. *Tempos Históricos*, v. 19, p. 151-183, 2º Sem 2015.

BORJA, Bruno; DESTRI, Mayara. Formação da Feira de São Cristóvão e a cultura nordestina no Rio de Janeiro. In: ANGELO, E. R. B.; BARROS, L. O. C. *Territórios culturais no Rio de Janeiro: a Feira de São Cristóvão*. Rio de Janeiro: Autografia, p. 27-54, 2017.

BOURDIEU Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRITO, F. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. *Revista Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 221-236, maio-ago. 2006.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Ciclos temáticos na Literatura de cordel*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

ENNES, M. A.; MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, n. 35, p. 274-305, jan.-abr. 2014.

HAESBAERT, Rogério. "Da Desterritorialização à Multiterritorialidade". *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 20 a 26 mar. 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ICOMOS. *Declaração de Quebec. Sobre a preservação do "Spiritu loci"* - Assumido em Québec, Canadá, 4 out. 2008. Disponível em: <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf>. Acesso em: 21/02/2023.

LESSA, Carlos. À guisa de introdução. A longa marcha pela construção da cidadania. In: LESSA, C. (Org.). *Enciclopédia da brasilidade. Auto-estima em verde e amarelo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis*. Uma reflexão em busca da autoestima. Rio de Janeiro: Record, 2001.

- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019.
- NEMER, S. *Feira de São Cristóvão: contando histórias, tecendo memórias*. Tese (Doutorado em História Social da Cultura), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.
- NEMER, S. Memórias migrantes: a Feira de São Cristóvão nas vozes dos cordelistas. *Anais do XVII Encontro de História da ANPUH*, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1471228890_ARQUIVO_SylviaReginaBastosNemer.pdf>. Acesso em: 21/01/2020.
- NORA, Pierre. *Os lugares de memória*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1993.
- PERLMAN, Janice. Marginalidade. Do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro. *Rio Estudos*, n. 102, 2003. Disponível em: <www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>. Acesso em: 12/04/2021.
- SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. “Imagens do migrante nordestino em São Paulo”. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, ano 4, n. 17, p. 10-20, 1993.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TIZON, P. Le territoire au quotidien. In: DI MEO, G. *Les territoires du quotidien*. Paris: L’Harmattan, p. 17-34, 1995.
- VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O.; MARICATO, E.; VAINER, C. B. *A Cidade do Pensamento Único*. Desmanchando Consensos. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 75-103, 2009.
- VALIM, Ana. *Migrações: da perda da terra à exclusão social*. Espaço e debate, 1996.

Artigo recebido em 14/08/2023

Aceito para publicação em 03/01/2024